



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Livro das Encantações', de Ana Mafalda Leite]

Diana Pimentel

Para citar este documento / To cite this document:

Diana Pimentel, "[Recensão crítica a 'Livro das Encantações', de Ana Mafalda Leite]", *Colóquio/Letras*, n.º 174, Maio 2010, p. 201-203.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

A poesia que Ana Luísa Amaral nos oferece exercita essa experiência. E prepara-nos, espanta-nos e desconcerta-nos com os seus golpes de surpresa na busca da voz genesiaca, a habitar mundo e coração. Os versos finais condensam essa possibilidade de palavra inaugural: mundo de espera e de amor — universo poético —, onde «encostada à música, essa palavra nova nascerá: / [...] e tudo a acontecer — // como primeira vez —».

Maria Aparecida Junqueira

Ana Mafalda Leite

LIVRO DAS ENCANTAÇÕES

Lisboa, Caminho / 2005

O título *Livro das Encantações* parece instaurar uma espécie de cosmogonia do canto, de gènesis simultaneamente poético — ou autobiográfico — e mítico — da palavra. Parece tratar-se de um transporte à origem da linguagem e à narrativa de alguns dos seus momentos.

Se se atentar no índice — lido por mim aqui como uma *tábua* em que esta *escritura* se nos revela em dois movimentos —, logo se nos revela a sua estrutura: «I — Livro das Genealogias: Naturalidade e outros poemas» e «II — Livro das Encantações».

Numa espécie de retrocesso à origem — biográfica, em forma epistolar, e poética, o *encantamento* — se deve fazer a correspondência entre poeta e canto, e entre ambos e a sua genealogia poética. De facto, o primeiro dos poemas, em forma de carta, estabelece a *filiação poética* de Ana Mafalda Leite. Porque relativamente raro na poesia de expressão portuguesa e fundamental para compreender a poética de Ana Mafalda Leite, leia-se atentamente este testemunho:

NATURALIDADE (UMA CARTA A RUI KNOPFLI)

Eu, meu caro Rui Knopfli, eu caso-me à agrura das micaias e das rosas, ao roxo das noites lentas e às luas dos *dois hemisférios*. Do sul ao norte em espiral *me move o coração em índico interior*, a intensa lentidão dos sentidos adormecidos por essas aves estranhas que me povoam os sentidos de asas bem reais. Chamem-me europeia ou africana, que fazer senão calar? Meus versos livres, livres xingombelas, livres pomos, voam sem chão, neste chão que trago por dentro da *casa móvel* que atravessa o sonho. [...] que pátria a de um poeta senão uma língua bífida e em fogo, senão um veneno redentor de mamba, enroscada dor nesse *corpo babel* em chama anunciado? Há no entanto uma *terra* e uma *pátria* em que pouso devagar, me reconheço e desconheço, escriba acocorado enrubescendo a língua de amorosos sabores, de vibrados ritmos, é a tua pátria de versos ó Rui, a tua mafalala entumescida José, a tua sensual arquitectura a oriente, Eduardo, ó príncipe dos poetas.

(p. 13-4, sublinhados meus)

Voltaremos adiante à ideia de existirem, nestas *Encantações, dois hemisférios*. Antes disso, note-se que a filiação literária de Ana Mafalda Leite é, explicitamente, formada por Rui Knopfli e José Craveirinha, Noémia de Sousa e Glória de Sant'Anna, Luís Carlos Patraquim ou João Pedro Grabato Dias, entre certamente muitos outros.

Longe de se constituir apenas como a declaração de uma genealogia e da identificação da sua linhagem poética — através da nomeação de poetas com que a sua poesia dialoga —, este parece ser também o processo de construção de um território topográfico e poético: «uma *terra* e uma *pátria* em que pouso devagar, me reconheço e desconheço» (p. 13-4, sublinhados meus). É, portanto, um lugar em que se *pousa* e um território que se *sobrevoa*

em «lento voo em sombra acesa, pátria minha, passaporte, naturalidade, só uma, a poesia» (p. 14). Em vez de território de nascimento, fixo e imutável, a origem do sujeito poético, a sua *naturalidade*, faz-se de palavras e de movimento — *voo* — em transporte — *passaporte* — sobre a palavra poética concebida de forma genesiaca, *em sombra acesa*, num percurso «do sul ao norte em espiral» (p. 14).

A edificação deste mapa poético originário parece fazer-se não apenas por *reconhecimento* ou *desconhecimento* do solo (*terra*) e do território (*pátria* ou uma suposta identidade una ou nacional), mas sobretudo pelo movimento (*passaporte*) de criação poética: *naturalidade, só uma, a poesia*. Poetas e poemas são aqui uma espécie de marcos geodésicos deste lugar em que se funda a *naturalidade* de Ana Mafalda Leite, um mapa movente, percorrido por «asas em voluta» (p. 14). Por isso, este parece ser um lugar de «fronteiras líquidas», superfície «sem costura frente ou verso» em que se inscreve a narrativa da origem do poeta, o seu *livro de genealogias*. A *casa é móvel*, disse-se há pouco — em «Naturalidade» (p. 15). Mas onde — e se — se detém o poeta?

Transportemo-nos agora a um livro anterior, *Passaporte do Coração* (2002), e observemos o voo operado em «As Asas sem Rumo»:

pergunto-me
que passaporte é necessário para chegar
[ao coração
que visto ou certificado que senha ou passe
a que abracadabra
ou que carimbo mágico
acendem os círculos
acham a sua terra

terra prometida
atlântida e sonho

eu que tenho asas e vou sem rumo

Parece natural que este seja um território mítico, prometido e sonhado (*atlântida*) e que sobre ele o poeta voe em rota disseminada (*sem rumo*). Perguntemo-nos, então, a que coração, corpo, *casa* ou lugar transporta este movimento de regresso. «Acordo o Retrato Movente»: «dá-me um laço de seda que estreite o meu contorno / e me cinja a cintura porque ela / traz o vento inteiro e evolva muito leve // recordo / ou acordo o retrato movente movendo-se aqui?» (p. 23)

Se a pátria de um poeta é um *corpo babel em chama anunciado* (p. 13), recorda-se — isto é, faz-se o *passa-porte do coração* para a memória — [recorda-se] o *retrato* inevitavelmente *movente* deste sujeito disseminado e *movente*. Este parece ser um sujeito sem corpo ou lugar, antes imagem flutuante de uma «encostada imaginação / um sussurro de lábios / um brevíssimo cair de estrelas». Talvez que assim «ao princípio da voz regresso uma canção de embalar» (p. 24).

Transporte, movimento e princípio. É *natural*, se se trata de genealogia. Perguntemo-nos onde — e se — se detém o poeta. Conhecemo-lo volante, movente, disseminado. Sabemo-lo agora em berço, *embalado* como na infância e mesmo antes dela.

O movimento de regresso faz-se não só no espaço, mas também no tempo, e por ele se regressa a um quase baptismo iniciático: «meto-me pelo rio o corpo flutuante» (p. 27). No entanto, não se trata apenas de imersão e de purificação. Sobre o sujeito parece operar-se uma *catábese* ao início da vida, ao centro da terra, ao mínimo elemento de que nasce o mundo e os seus elementos: «de repente uma das portas da água abre-se *para dentro* / vou no interior dos verdes limos da obscura corrente / é por mim que espera todas as noites de luar / um imbondeiro alto na outra margem do mundo / sou apenas um som longínquo de água / ou tinta correndo» (p. 28-9).

O movimento, não agora aéreo — como presente em «Naturalidade», um voo «em sombra acesa, pátria minha, passaporte, naturalidade, só uma, a poesia» (p. 14) —, mas subterrâneo e entrópico, que transforma o corpo imerso em água em som, em tinta, matéria da poesia. Parece, portanto, estar a falar-se de genealogia poética e esta parece situar-se no próprio movimento de transmutação com os elementos: «pela brancura em sangue os ramos nus / crescem-me pela boca // por este espelho me olho e me vejo do outro lado» (p. 28).

Berço barco ou «terra-mar» (p. 14), este espelho devolve, transportado do outro lado da «margem do mundo», o *retrato movente* do poeta, em anamnese:

Tenho o nome de um barco
ana mafalda um barco do império
em travessia entre dois
oceanos me fez nascer. foi esse nome
que me deram ao
levar-me transplantada de um hemisfério
para o outro. nasci entre fronteiras líquidas
entre ondas inventei um
berço. foi um nome que me nasceu,
foi um barco, um
deslizar de marés no final da década
de cinquenta

(p. 36-7)

Não apenas autobiografia, esta é uma anamnese da origem do nascimento do nome, portanto, e, num muito linear sentido, da poesia. Esta ontogénese é poética e tem *o nome de um barco*: «de nome em nome alguém me acena e olhando vejo que sou / eu. já outro barco. ana mafalda. um batelão ou uma / canoa a motor que atravessam desde sempre [...] as cachoeiras imprevisas da margem mais antiga do mundo» (p. 37).

Um auto-retrato, se assim se pode nomear, *embarcado*, portanto movente e em

trânsito entre dois pontos, talvez a origem — genealogia — e o canto — o poema: «o que resta nas margens ganha de novo o corpo das águas do rio ou do / caminho e numa voz que me nasce ouço a genealogia» (p. 42). Assim parecem confluir as margens — do caminho como do rio — que à poesia conduzem o poeta, desde a origem até aqui, onde lemos a *voz que [lhe] nasce* e diz a *genealogia*.

Retome-se a estrutura do livro. Este parece ter dois hemisférios: *I — Livro das Genealogias* e *II — Livro das Encantações*. De uma a outra margem de cada um dos hemisférios a viagem faz-se de barco, *encantado*. E, como em margens de um rio ou de um caminho, o movimento de embarque, de *encantação*, parece aqui fazer confluir o corpo (o barco) e o som (o nome) da poesia, e refazer-se o movimento imparável da rotação da terra, a dança originária do canto e do mundo.

Em «Primeira Encantação» pode ler-se: «o som cresce / o corpo acompanha em rotação cada vez mais acelerada / sobre o ser do mundo esferiza-se o vulto / em sua redonda encantação» (p. 50).

Este parece ser um percurso *redondo*, entre um e outro hemisfério, entre este e a origem dos tempos, entre uma e a sua outra margem. E voltaremos, como neste livro aprendemos: «venho e / volto muitas vezes / sou um compasso que roda em torno do mesmo ponto» (p. 73).

Pergunto-me, a chegar ao fim, se o movimento do *compasso* do coração será uma forma de *passaporte* e de união entre os pontos *desunidos* no tempo e no espaço, como dois *hemisférios*, como os dois *pares* deste livro. *Livro das Encantações* parece responder: «o círculo do corpo o círculo das luas / a música repetida refaz o movimento / imparável da rotação da terra» (p. 51).

Diana Pimentel